

Homenagem ao professor Celso Taveira

Novamente, encontro-me em uma difícil situação. Novamente? Sim. Pois, em uma determinada ocasião também tive que redigir uma homenagem a outro inestimável amigo, o professor Daniel Valle Ribeiro. Situação difícil, pois é extremamente complicado você falar de alguém que nos é tão caro. Desta feita, o convite partiu de um outro grande parceiro, um verdadeiro irmão: o professor Sergio Alberto Feldman. Devo ainda dizer que por ele, existiria um artigo meu nessa homenagem, mas infelizmente, por diversas razões, isso não me foi possível. E ainda assim, Sergio A. Feldman me permitiu, com sua imensa generosidade, que estivesse presente nela na redação dessa singela homenagem, pelo que o agradeço imensamente.

Na verdade, imagino que milhares de pessoas gostariam também de estar presentes nessa obra, o que tornaria a empreitada impossível. Mas todos que conhecem o professor Celso Taveira sabem que ele, com sua imensa sensibilidade, saberá de quantos e quantos gostariam de estar participando dessa obra. Mas agora, vejo-me diante do fato de falar de nosso homenageado.

6 Conheci o professor Celso Taveira em uma situação singular. Fui membro de sua banca de doutoramento, cuja tese foi orientada pelo professor Jonatas Batista Neto. Devo ter sido lembrado para ela talvez por ter ministrado aulas sobre Bizâncio e Islã na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ou, talvez, por ser co-autor com Hilário Franco Júnior de um para-didático intitulado *Império Bizantino*. Apesar do singular da situação, de minha parte houve uma imediata empatia. Celso Taveira, que dispensa o título de professor por ser muito mais que isso, cativou-me imediatamente pela sua simpatia. Digo que ele dispensa o título de professor porque, na realidade, ele é um grande e erudito mestre. E, diferentemente de muitos, na sua mineira simplicidade, impressiona pela sua ausência de arrogância, muito tradicional em muitos e nem sempre bons eruditos da academia, sem deixar-se influenciar pela famosa fogueira de vaidades.

Bizantinista sem igual em nossas paragens, uma das primeiras impressões que ele nos deixa como lição é o significado da palavra "*Humilitas!*". O Celso socrático, como muitos de nós, sabe que quanto maior é o nosso conhecimento, mais patente fica nossa ignorância. Se a palavra é filha do pensamento, Jorge Luis Borges nos diz: "a dúvida é um dos nomes da inteligência". Porém, mais que isso, não se tratava do simples duvidar. Essa postura seria, como ele nos deixa como lição, é extremamente confortável. Acreditar em tudo ou duvidar de tudo são soluções definitivamente cômodas: ambas posturas nos dispensam da reflexão. E de maneira complexa, Celso

Taveira sabe, como nos ilustra Santo Isidoro de Sevilha que “a verdade é anterior ao verdadeiro, porque não é verdade o que deriva de verdadeiro, mas sim, verdadeiro o que deriva de verdade”. Sabe também que os horizontes devem sempre estar ao alcance dos olhos, mas nunca das mãos...

Mais que um professor em sala de aula, Celso Taveira, e sua imensa generosidade, organizava cursos em que dividia sua outra paixão: a música! Em diversas ocasiões, ministrou cursos como o UFÓPERA, onde apresentava essas complexas obras aos seus alunos. No último desses cursos de que tive notícia, Celso apresentou, aos que se interessavam, uma audição dos concertos de Mozart onde, juntamente com os parceiros que lá estavam, não apenas elucidava, mas também descobria inúmeras novidades e que, por sorte, partilhava comigo suas descobertas e incertezas... Sorte a minha de poder contar com a sua amizade que, para mim, é um verdadeiro privilégio!

Mais que um amigo, tal como Sergio A. Feldman, Celso Taveira é um irmão, dos poucos que encontramos no decorrer de nossas vidas. Para além de sua generosidade, outra característica de nosso homenageado, é a sua sensibilidade, sua atenção para com os alunos e amigos. De uma generosidade sem par, está sempre disposto a dividir suas descobertas, seus achados, não apenas históricos e musicais, mas de uma variedade profunda de interesses.

Mas Celso é também um mestre na arte da vida. Vive a vida como ela deve ser vivida, dentro de seus conceitos. Conceitos esses que irradiam uma luz envolvente, aquela que nos faz feliz simplesmente por ter a oportunidade de tentar, de poder com nossas próprias mãos, mudar as coisas que escolhemos para nós mesmos, aceitando aquilo que – uma nova lição para nós – que a incoerência é uma das melhores características do ser humano. Definir Celso Taveira é uma tarefa impossível, uma vez que toda verdade é SINGULAR e o máximo que conseguimos é nos determos em algumas versões convincentes. Encontro nas palavras de Elizabeth Kubler-Ross a mais próxima definição de nosso homenageado: “As pessoas mais belas com quem me encontrei são aquelas que conheceram a derrota, conheceram o sofrimento, conheceram a luta, conheceram a perda e encontraram sua maneira de sair das profundezas. Essas pessoas tem uma apreciação, uma sensibilidade e uma compreensão da vida que nos preenchem de compaixão, humildade e uma profunda inquietude amorosa. As pessoas belas não surgem do nada...”.

Dessa forma, pedimos ao amigo e irmão Celso Taveira que aceite com brandura essa nossa singela e humilde homenagem, pois a sua beleza é aquela que nenhum retrato ou palavras conseguem expressar. Que ela possa deixar assinalada toda nossa gratidão por tudo que ele nos concedeu e concede até hoje. Lembrando também de Santo Agostinho que nos esclarece que “se o presente, para ser tempo, só passa

Homenagem ao professor Celso Taveira

a existir porque se torna passado... O que agora claramente transparece é que nem há tempo futuro nem pretérito". Assim, Celso nos contempla de forma eterna. E, paremos por aqui pois, como nos recorda Shakespeare, "pobre é o amor que pode ser descrito".

Ruy de Oliveira Andrade Filho